

## A IMAGEM DO ROMANO SOBRE OS POVOS ESTRANGEIROS E SOBRE SI MESMO\*

Ana Thereza B. Vieira\*\*

**Resumo:** Os povos estrangeiros sempre despertaram curiosidade e o romano não seria indiferente ao se deparar com um povo desconhecido, habitante, talvez, de uma terra longínqua, com costumes e modos de vida diferentes dos seus. Plínio o velho, em sua *História Natural*, nos apresenta um repertório de crenças e histórias inusitadas acerca de diversos povos; bastava uma qualidade física ou moral diferente, um nascimento estranho ou uma longevidade excepcional para aguçar a imaginação de todos e serem consideradas essas qualidades como “monstruosidades” ou mirabilia. Os animais poderiam ser encontrados em lugares específicos, mas os homens se encontram até mesmo nos confins mais inóspitos da terra, distantes do mar; em lugares desertos, com hábitos estranhos. Divisamos no livro VII, por exemplo, observações sobre algumas etnias estranhas ao romano. Algumas observações são retomadas aqui e ali ao longo de toda a obra, e que tentaremos abordar com alguns exemplos.

**Palavras-chave:** *História Natural*; maravilhas; bárbaro; costumes; estrangeiro.

### ROMAN IMAGE ABOUT FOREIGN PEOPLE AND ABOUT HIMSELF

**Abstract:** Foreign people always arouse curiosity and Romans are not indifferent when they come across unknowing people, maybe inhabitant of a distant place, with different customs and lifestyles. In the *Natural History*, Pliny shows us a repertoire of beliefs and unusual histories about various people; only a physical or moral quality, an strange birth or an exceptional longevity were enough to instigate the imagination and to consider these qualities as “monstrosities” or mirabilia. Animals could be found in some specific places, but there are men even in inhospitable places of the earth,

---

\* Recebido em: 16/11/2017 e aceito em: 17/12/2017.

\*\* Professora associada de Língua e Literatura Latina da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

*far from the sea, in desert places, with strange customs. In book VII, we can see, for example, observations about some ethnic group strange to the Romans. Some observations are retaken throughout the book, that we will approach with some examples.*

**Keywords:** *Natural History; wonders; barbarous; costumes; stranger.*

O estudo dos povos, na **História Natural**, remonta a uma tradição literária antiga, praticada por Heródoto, em suas **Histórias**, por Júlio César, em seus **Commentarii**, ou mesmo por Tácito, no seu comentário sobre a **Germânia**, por exemplo. Há, pois, um modelo a ser observado e continuado, cujos parâmetros seriam a descrição de um povo, a começar pelo local onde habita, o clima e a terra da região, que produtos agrícolas e minerais possui, as suas origens, a aparência das pessoas, suas instituições sociais, familiares e religiosas, sua educação e como se prepara para as guerras. É um plano a que poucos escritores escapam, a começar por como são registrados esses povos.

Olhar para o outro é olhar para alguém com um ar crítico, ainda mais se esse outro não vive perto ou, ainda, se nunca houve um contato mais próximo com ele. Romanos olham para o outro como um *barbarus*, isto é, um estrangeiro. Não há, portanto, como romanos – e também gregos – verem os povos estrangeiros senão acentuando o que eles possuem de mais exótico e estranho. Mas, a questão não é como esses romanos lidavam com o outro, mas como nós – leitores modernos – conseguiríamos ver e sentir esse olhar antigo, como eles lidavam com o maravilhoso, exótico, nostálgico e – por que não? – com as sucessivas Idades de Ouro, as várias Idades de Ouro relatadas ao longo das literaturas grega e romana.

Etnógrafos participavam de uma tradição, retomada por cada escritor ao longo dos tempos, que consistia em fazer com que trechos completamente idênticos aos de seus antecessores fossem recuperados e fizessem parte de outras obras. A novidade, portanto, não era necessariamente um dado essencial aos relatos, mas sim a recordação, a memória coletiva dos antepassados. Determinar o que era verdadeiro ou simplesmente efeito narrativo era uma tarefa árdua, pois que o leitor deveria saber avaliar qual a relação de determinado autor com elementos estereotipados por autores anteriores a eles. Havia que se considerar a que escola ou pensamento se filiava o etnógrafo em questão.

O contato com os povos estrangeiros se dava por diversas maneiras: relações comerciais, estabelecimento de rotas de viagem ou comércio e ques-

tões de ampliação de fronteiras, com ou sem guerras. O bárbaro era aquele que estava além das vistas, mesmo que isso significasse estar na fronteira da *Vrbs*. Isso era também uma questão cara ao imperialismo romano: até onde vão as fronteiras do Império e o que esse Império conquistou que os romanos da Cidade desconhecem? Esse mesmo conceito de imperialismo será retomado tempos depois no que conheceremos como os relatos de viajantes (europeus, sobretudo) com relação às novas terras. Desta vez veremos como os escritores deram conta de informar os europeus sobre os povos das Américas, visando a engajar o público na política expansionista, cujos benefícios cabiam a poucos. Mary Louise Pratt (1999, p. 28) nos falará “como o relato de viagem e exploração produziu ‘o resto do mundo’ para leitores europeus em momentos particulares da trajetória expansionista da Europa”. Os viajantes (re)produzem retratos sobre os povos encontrados nas Américas, no Brasil, por exemplo, e comparam os habitantes locais aos europeus, produzindo um verdadeiro contraste, muitos das vezes repleto de preconceitos, herdados em séculos de tradição literária.

Com a expansão do Império romano, colônias que se estabeleciam em regiões fronteiriças – por exemplo, o Ponto Euxino ou o norte da África – ocasionavam as zonas de contato, que se referiam “ao espaço de encontros coloniais, no qual as pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contato umas com as outras e estabelecem relações contínuas, geralmente associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada”, conforme nos diz Pratt (1999, p. 31). Em um primeiro momento ocorre a necessidade de se desenvolver um meio de comunicação improvisado entre povos de línguas diferentes, o que, de forma geral, se dá em circunstâncias de comércio ou guerra.

A curiosidade é o que move as pessoas a ansiarem pelo desconhecido, pelo estranho. Não por acaso, o próprio Plínio, no prefácio de sua obra, nos conta que a *curiositas* foi o motivo principal que o levou a escrever a **História Natural**. Podemos observar considerações a respeito dos estrangeiros em quase todos os tipos de escrita: livros de épica, tragédia, história, etc. Como já aludimos, César, em seus **Commentarii de Bello Gallico**, ao falar, por exemplo, da Bretanha, descreve com minúcia os habitantes, seus costumes, o que comem, plantam, como se vestem, sua religião e divisão em classes:

*Hominum est infinita multitudo creberrimaque aedificia fere gallicis consimilia, pecorum magnus numerus. Utuntur aut aere aut nummo aureo aut taleis ferreis ad certum pondus examinatis pro nummo... Leporem et gallinam et anserem gustare faz non putant; haec tamen alunt animi uoluptatisque causa... Omnes uero se Britanni litro inficiunt, quod caeruleum efficit colorem, atque hoc horridiores sunt in pugna aspectu; capilloque sunt promisso atque omni parte corporis rasa praeter caput et labrum superius. Vxores habent deni duodenique inter se communes et maxime fratres cum fratribus parentesque cum liberis ; sed si qui sunt ex his nati, eorum habentur liberi quo primum uirgo quaeque deducta est.*

*Infinita é a quantidade de homens, aglomeradíssimas as habitações, quase semelhantes às gaulesas, grande o número de rebanhos. Usam como dinheiro ou o cobre ou a moeda de ouro ou barras de ferro, de peso cuidadosamente certo... Tanto a lebre como a galinha e o ganso, não julgam piedoso comê-los; alimentam-nos, porém, pelo prazer do espírito... Todos os britanos, porém, se pintam com um pastel que produz uma cor azul, e têm por isso aspecto bem horrível na guerra. São de cabelos compridos e corpo todo raspado, exceto a cabeça e o lábio superior. Cada dez ou doze têm, entre si, esposas comuns, principalmente irmãos com irmãos, pais com filhos; os nascidos destes, se os houver; são tidos como filhos daqueles a quem foi cada virgem entregue primeiro. (CES. B. Gall. V, 12, 3-14)<sup>1</sup>*

Pouco irão diferir desse modelo as narrações feitas por outros escritores, etnógrafos ou não. Não importa qual a forma de contato com o povo; poderia ser até mesmo uma viagem de aventura, motivada por aquela curiosidade em grau mais elevado. Não eram incomuns viagens solitárias de autores em busca de conhecimentos geográficos para a composição de uma obra, como será o caso de Posidônio, por exemplo.

Para a composição de um relato etnográfico, certas convenções deveriam ser seguidas, resultando, portanto, em relatos semelhantes entre si, ainda que a uns aprouvesse elogiar o estrangeiro e a outros, humilhá-lo. Tudo dependerá do olhar lançado pelo observador. O olhar determina o que poderá e deverá ser narrado, segundo uma experiência pessoal. Aquilo que se apresenta como cenário é o que o autor / etnógrafo / historiador “escolheu” como digno de nota, enquanto ele se sente quase impotente diante do

fato, não conseguindo fazer nada além de observar e narrar. Nesse momento cria-se o que se poderia chamar de um olhar de anticonquista, quando a surpresa é tamanha que não deixa margem para opiniões pessoais.

A narração sobre o estrangeiro, entretanto, pode se dar por vias indiretas, quer dizer, não através de uma observação pessoal, mas através da leitura constante de obras de mesma tradição, anteriores ao autor. Os autores não viajavam para as terras descritas, não conheciam os animais, plantas ou pessoas narrados, ou seja, o material de estudo não foi contemplado por aquele olhar do observador. Os modelos eram repetidos à exaustão, até mesmo em obras de cunho geográfico, não se importando o autor em pesquisar sobre a veracidade de suas fontes. Assim, veremos um Plínio citando como suas autoridades (como ele nomeia suas fontes) autores que trataram genericamente sobre zoologia ou antropologia, por exemplo. Plínio se orgulha de ter lido mais de dois mil volumes sobre vinte mil fatos, dos quais elegera cem como suas autoridades máximas (PL. H. N. *Praef.* 17), enumeradas todas no livro I: primeiro, os romanos, e depois, os estrangeiros, sem fazer distinção entre nenhum deles.

Levando em conta esse tipo de relatos não observados, nos deparamos com os julgamentos pessoais – verdadeiros ou falsos – a respeito do estrangeiro, passados de geração a geração por escritores ávidos apenas em satisfazer um público ansioso por mais informações sobre o desconhecido. Não eram incomuns menções a povos de características consideradas excepcionais, como homens muito altos ou muito baixos, ou disformes e medonhos. Os indianos, exóticos por natureza:

*Multos ibi quina cubita constat longitudine excedere, non expuere, non capitis aut dentium aut oculorum ullo dolore adfici, raro aliarum corporis partium: tam moderato solis vapore durari...*

*Sabe-se que muitos ali ultrapassam cinco cúbitos de altura, não cospem, nem sofrem de nenhuma dor de cabeça ou de dentes ou dos olhos; raramente têm dor em outras partes do corpo: foram modelados por tão moderado calor do sol... (PL. H. N. VII, 22)*

Reflexões morais e filosóficas faziam parte desse tipo de relatos. A atribuição de características grotescas ou animais, exóticas ou sensacionais aos bárbaros era habitual, como já divisamos; porém, não raro foi assinalar tais indivíduos como bons selvagens, aquela gente estranha, mas de boa índole, como pudemos observar no supracitado relato de Júlio César.

Os povos idealizados, haja vista que muitos nem sempre eram diretamente observados, abriam caminho para tratamentos literários diversos, dando margem à criação de Utopias. Quanto mais exóticos ou primitivos, mais suscetíveis à idealização.

O contraste romano x bárbaro era um fato que despertava o interesse dos governantes, pois essas utopias criadas com relação ao bárbaro poderiam salientar as características morais ambicionadas para seu povo, principalmente em momentos de crise e declínio social. Os povos fronteiriços, do chamado “fim do mundo”, muitas vezes são evidenciados como “os mais felizes” ou “os mais justos”, não obstante seus traços rudes. Em comparação com povos em tempos de guerra, revoltas, conspirações ou sob um governo impiedoso, o fato de criar animais por puro deleite é uma atitude de extrema delicadeza. Além das Utopias, as Idades de Ouro são construídas a partir desse mesmo protótipo.

Em um capítulo intitulado “Narrando a anticonquista”, Pratt, ao discorrer sobre a composição de obras sobre história natural, assevera que esta é uma obra para homens letrados, urbanos, que dissociam completamente as relações de funcionalidade entre os seres, para legitimar o poder daquele que conquista e passa a ser dono de terras. Diz a autora:

*O sistema criou, como sugeri anteriormente, uma visão utópica e inocente da autoridade mundial europeia, à qual me referi como uma anticonquista. O termo pretende enfatizar o significado relacional da história natural, a extensão em que ele se tornou significativo, especialmente em contraste com uma presença expansionista europeia, a princípio imperial e pré-burguesa. (PRATT, 1996, p. 78)*

Embora Pratt trate aqui especificamente dos tempos de conquista das Américas, portanto sujeito ao imperialismo europeu, longe de nosso marco temporal dos relatos plinianos, a ideia sobre a relação do conquistador sobre o outro é inerente a qualquer época, não importa sua nacionalidade. Além disso, as referidas narrativas de conquista ou anticonquista se relacionam diretamente com as narrativas das expedições naturalistas, que, no Brasil, tiveram como alguns de seus mais notórios representantes Martius e Spix, que vieram ao Brasil para participar de uma expedição científica no interior do país.

A sociedade ideal fora debatida já por etnógrafos gregos, que buscavam um modelo diverso daquele da *polis*, modelo este ainda não vivenciado e que poderia se provar melhor; veja, por exemplo, a criação da Atlântida,

a cidade onde os frutos são gerados espontaneamente e onde todos vivem em paz. Alguns escritores poderiam percorrer o caminho inverso, tomando como modelo cidades reais, as “cidades ideais”, grandes centros de saber e de comércio, ou ainda cidades longínquas, que eram idealizadas como a possível morada dos deuses ou de seus descendentes (Cf. MURPHY, 2004).

Não apenas as cidades e os habitantes eram fontes de curiosidade. A natureza, plantas e animais, igualmente incríveis, infundiam-se nos relatos etnográficos. A exuberância e a monstrosidade da natureza são, talvez, os pontos que mais despertem interesse no público urbano. Não por acaso, Plínio discorre acerca da criação de jardins (*horti*) em Roma, para onde são levados especiarias e produtos completamente estranhos. Mudanças são replantadas para serem cultivadas ali, pois, como centro do Império, Roma e seus cidadãos têm o dever de conhecer os frutos de suas conquistas. Animais são transportados para a *Vrbs*, onde deverão ser domesticados e criados ou levados a apresentações para serem mortos em espetáculos suntuosos, mas cheios de crueldade.

Digressões enchem os relatos a esse respeito, como um momento de deleite, repletos de histórias tradicionais: a ironia e o humor promovem as partes mais agradáveis de uma leitura por vezes pesada, posto que rica em detalhes. Por outro lado, as passagens irônicas, característica não muito afim a narrativas históricas, que prezam por características de uma retórica mais seca, como a objetividade, podem levantar suspeitas sobre a autenticidade não só do relato, como da autoria do referido relato. Tal é o caso das passagens etnográficas de César, que estudiosos afirmam não ser de sua autoria quando evidenciam humor. Apesar disso, os relatos que contêm esse efeito de relaxamento não deixam de ter a mesma função do que os relatos secos e diretos, tornando-se uma questão de gosto pessoal ou acadêmico do autor.

## **A etnografia na *História Natural***

Os relatos etnográficos na **HN**<sup>2</sup> de Plínio, se comparamos os temas dos grupos<sup>3</sup> de livros nela contidos, são em número menor. Até mesmo se comparados a outras obras, temos a impressão de que os romanos não prezavam esse tipo de relato à época flaviana, mais precisamente a segunda metade do séc. I a.C., em que a **HN** é publicada. Em verdade, devemos explicitar, inicialmente, que, não obstante a obra pliniana conter alguns livros específicos para cada um dos temas, os assuntos são recuperados em outros livros, fazendo com que a leitura aparentemente autônoma seja

feita em círculos, com idas e vindas, cheias de remissões. Um leitor atento não deverá se prender ao sumário da obra, pois que um determinado livro talvez não contenha exatamente aquilo a que o autor se propusera no início; Plínio considera a **HN** como uma obra em constante mutação: conforme os assuntos lhe cheguem, há possibilidade de mudanças.

Plínio descreve alguns esquemas com que possivelmente teria classificado os povos. Mas, diferentemente do que ocorria com os etnógrafos de uma forma geral, o autor não se preocupa em categorizar os povos em relação a local, clima, costumes, instituições, etc., como faziam seus predecessores. Os bárbaros são apresentados, muitas vezes, num meio caminho entre o civilizado e o monstruoso, entre o racional e o irracional. Ele se questiona:

*Quaedam tamen haud omittenda duco, maximeque longius ab mari degentium, in quibus prodigiosa aliqua et incredibilia multis visum iri haud dubito. Quis enim Aethiopas antequam cerneret credidit? aut quid non miraculo est eum primum in notitiam venit? quam multa fieri non posse priusquam sunt facta iudicantur? naturae vero rerum vis atque maiestas in omnibus momentis fide caret si quis modo partes eius ac non totam complectatur animo.*

*Há material, contudo, especialmente concernente a povos que vivem mais distantes do mar, que eu não acredito devam ser deixados de lado. Quem teria acreditado na existência dos etíopes antes de vê-los? E o que não é divisado como maravilhoso quando visto pela primeira vez? Quantas coisas foram julgadas como impossíveis antes de realmente terem acontecido? Em verdade, o poder e a força da natureza carecem de credibilidade em todos os pontos, exceto se a entendermos como um conjunto ao invés de uma porção. (PL. H. N. VII, I, 6-7)*

Em sua grande maioria são os povos da Índia e da Etiópia os confrontados com os romanos. O espanto, contudo, não deve atrapalhar a credibilidade. Os estrangeiros são diferentes, possuem características exóticas, admiráveis e, ainda assim, são críveis como verdadeiros. As fontes plinianas para os relatos, como vimos, são diversas. No livro VII, em questão, vão desde Vérrio Flaco, Licínio Muciano, Agripina, esposa de Cláudio, Cícero, Asínio Polião, Virgílio, Tito Lívio, etc. entre os romanos e Heródoto, Aristóteles, Apolônio, Artemidoro, Hipócrates, Xenofonte, Tucídides e vários outros entre os estrangeiros. Divisamos, então, que suas autoridades contam com



poetas, historiadores, médicos, oradores e... uma mulher (!). Testemunhos, oculares ou não, igualmente servem como autoridade para suas narrativas.

A produção oral acolhe despreziosamente todas as informações e as perpetuam muitas vezes como verídicas. Ao menos, para o imaginário daqueles que as criaram e recontaram, as narrativas apresentam sempre um quê de verdade, caso contrário não durariam gerações e gerações. Essas podem ser, para Plínio, as fontes secundárias, que o autor identificará com expressões como “conta-se”, “dizem”, “sabe-se”, etc. A indeterminação do sujeito narrador demarca o cunho popular da **HN**: a tradição oral. Além delas, outras autoridades podem ser reconhecidas como secundárias: aquelas que não estão no sumário da obra, mas que serão apresentadas, como que por lembrança repentina do autor, ao longo do livro.

O livro VII inicia-se com a descrição do homem e de sua variedade de individualidades, dentre as quais vimos os etíopes. Segue-se logo a descrição do que entenderemos como *mirabilia* – as coisas admiráveis de se verem –: os canibais e selvagens. Plínio aproveita logo para fazer um *excursus* em que chamará a atenção do leitor desavisado para o fato de que o povo vive longe, no centro da terra, e provavelmente é a terra de seres míticos:

*Esse Scytharum genera, et quidem plura, quae corporibus humanis vescerentur indicavimus – id ipsum incredibile fortasse ni cogitemus, in medio orbe terrarum [ac Sicilia et Italia] fuisse gentes huius monstri, Cyclopas et Laestrygonas, et nuperrime trans Alpís hominem immolari gentium earum more solitum, quod paulum a mandendo abest. Sed iuxta eos qui sunt ad septentrionem versi, haut procul ab ipso aquilonis exortus pecuque eius dicto. Quem locum Ges Clithron appellat, produntur Arimaspi, quos diximus, uno oculo in fronte media ingentes.*

*Mostramos que há alguns tipos de Citas, e de fato vários deles, que se alimentam de corpos humanos – algo que talvez pareça inacreditável se não pensarmos que, no meio da terra [da Sicília e da Itália], há povos com essa monstruosidade: os Ciclopes e os Lestrigões, e os povos das regiões além dos Alpes que mais costumemente fazem sacrifício humano – o que não é muito diferente de comer pessoas. Mas, perto desses, em direção ao norte, não muito distante do lugar onde nasce o vento norte e da caverna com seu*

*nome, lugar que chamam de “entrada da traqueia do mundo”, há os notáveis Arimaspes, de quem falamos, que possuem apenas um olho no meio de sua testa.* (PL. H. N. VII, II, 9-10)

Esse tipo de narrativa mais tarde povoará o imaginário medieval: serão descritas pessoas com características cada vez mais admiráveis e que chegarão aos nossos dias, como homens com pés voltados para trás; homens com cabeça de cachorro; homens que se mantêm numa mesma posição por dias a fio; crianças com um só pé; homens com olhos nos ombros; imunes a cobras ou ao fogo, etc. Estudiosos tentaram ser mais racionais, procurando explicar os *mirabilia* como fenômenos típicos de quem lida com o desconhecido, daquele desbravador, viajante, etnógrafo, historiador, guerreiro ou não importa que função exercesse ao vislumbrar pela primeira vez um bárbaro, possivelmente a uma distância razoável, com medo da reação do outro. Dentre as possíveis explicações, aventaram as hipóteses de que os homens com cabeça de cachorro poderiam ser espécies de orangotangos, babuínos ou outra espécie de macacos, desconhecidos; os homens imóveis por dias, nada mais seriam que filósofos indianos meditando; os olhos nos ombros poderiam ser espécies de tatuagens, imitando algum tipo de animal e por aí em diante. A distância e o ineditismo seriam a causa das descrições exóticas.

Murphy (2004), entretanto, nos lembra que, por mais que a surpresa ou o medo fizessem com que o narrador tivesse uma visão distorcida do fato real, logo após o primeiro impacto provavelmente haveria uma aproximação entre o civilizado e o estrangeiro, levando a desfazer esse caráter ambíguo e incrível. O corpo humano é passível de mutações as mais variadas ao longo da vida e cada um reage de modo determinado a fatores idênticos. Como o ser humano cresce, vê seu cabelo e dentes surgindo para depois, na velhice, perdê-los, alguns podem sofrer mutações genéticas, inclusive dependendo do lugar onde vivem.

Os *mirabilia*, portanto, devem ser vistos por nós, observadores e leitores modernos, como uma descrição um tanto exagerada sobre pessoas, animais ou plantas com características fora dos chamados padrões normais. O impacto da primeira visão, do primeiro encontro, faz com que o estranhamento seja bem maior, e os relatos repercutem esse ato ao extremo. Umberto Eco, em **Kant e o ornitorrinco**, nos explica que quando nos deparamos com o desconhecido, a tendência é aproximá-lo dos modelos preexistentes, e tais modelos podem nos levar a uma apreciação errônea do

dito objeto. O exemplo de Marco Polo ao ver em Java, pela primeira vez, um rinoceronte, animal desconhecido dos europeus, logo o fez enquadrá-lo aos moldes sabidos:

*Mas tratava-se de animais que ele nunca viu, exceto que, por analogia com outros animais conhecidos, distingue o seu corpo, as quatro patas e o chifre. Assim como a cultura colocava à sua disposição a noção de unicórnio, precisamente como quadrúpede com um chifre em cima do nariz, ele designa aqueles animais como unicórnios. Depois, como é cronista honesto e obstinado, apressa-se por dizer-nos que, no entanto, estes unicórnios são muito estranhos, queremos dizer pouco específicos, visto que não são brancos e ágeis mas têm “pelo de búfalos e pés de elefantes”, o chifre é negro e desgracioso, a língua espinhosa, a cabeça semelhante àquela de um javali: “É uma besta muito feia de se ver”... (ECO, 1998, p. 55)*

A analogia com os modelos precedentes induz ao erro; porém, o narrador se dá conta de que há diferenças entre as espécies. Eco observa, no entanto, que, significativamente, Marco Polo não segue entre tentativas de classificação de seu animal desconhecido, mas percebe a diferença e se corrige, colocando o leitor a par dos detalhes diferentes. Do mesmo modo como, no século XVIII, ao examinarem pela primeira vez um ornitorrinco, chegado empalhado à Inglaterra, diversos naturalistas acreditaram que se tratasse de alguma piada de taxidermista; não conseguiam classificar aquele animal tão estranho, que possuía características de mamífero, peixe e ave ao mesmo tempo e, portanto, não se enquadrava de modo algum aos moldes conhecidos.

Voltando aos romanos e a Plínio, povos distantes, com mutações corporais diversas, são dignos de admiração; tratam-se de subtrações (pígmios, mutilados); adições (gigantes, olhos brilhantes) ou inversões (pés para trás, pessoas que trocam de sexo ou que têm crescimento de cabelos escuros na velhice). Além disso, as dietas podem ser rudes (canibais) ou demasiadamente refinadas (vegetarianos).

Aulo Gélíio, em **Noites Áticas**, ao discorrer acerca das maravilhas dos povos bárbaros, em sua viagem com um amigo de volta à Itália, depara-se com uma banca de livros que lhe chamam a atenção: são obras sobre fatos miraculosos e fábulas que o autor decide colher e anotar o que não fora até então contemplado entre os romanos, para que ninguém se sentisse

rude ao se deparar com aquele tipo de notícias. A prática de uma escola etnográfica e doxográfica faz o relato inicial de Aulo Gélíio coincidir com o relato pliniano acerca dos canibais: “... que os citas mais interiores, que vivem sob os próprios setentriões, nutrem-se de corpos humanos, levam a vida por alimento desse meio de subsistência...” (AUL. GEL., **Noit. Át. IX**, 6).<sup>4</sup> E o próprio Gélíio designa Plínio como uma de suas autoridades em outro trecho do mesmo livro: “Encontramos ainda escrito nos mesmos livros aquilo que depois também li no livro sétimo da **História Natural** de Plínio Segundo...” (AUL. GEL., **Noit. Át. IX**, 7). E, mais adiante, ainda em tom emulatório, menciona a incontestável dignidade pliniana, acrescentando o relato sobre mulheres que se transformam em homem, misturando narrativas etnográficas a lendas mitológicas:

*Estas palavras portanto, que mais abaixo citei, são do próprio, tiradas daquele livro; elas seguramente fazem que nem deva ser rejeitada nem tomada em ridículo aquela conhecidíssima cantilena dos antigos poetas sobre Cênide e Ceneu. “Não é fabuloso, diz ele, o transformar-se de fêmeas em machos...”* (AUL. GEL. **Noit. Át. IX**, 14)

A autoridade é indiscutível, posto que fora baseada em alguém de notório saber. E aquilo que motiva Gélíio a novamente narrar uma história já conhecida é a curiosidade e a reação que o encontro provoca nos leitores.

O etnógrafo que recolhe esse tipo de relatos, depara-se com uma tarefa árdua: identificar o que é verdadeiro e falso. Mas, o mais importante, para a atualidade, é tentar interpretar o que escritores antigos narravam: quais suas ideologias, políticas ou pontos de vista. A geografia ou a antropologia, assim como a história, não eram ciências exatamente neutras. Valores culturais, em que os autores se fundamentavam, exigiam certas interações entre várias disciplinas e isso se tornava evidente nos relatos.

A **HN** nos apresenta a etnografia em espécies de janelas que Murphy (2004, p. 94) definirá como: “a categoria ‘estrangeiro’ em si assume a ideia de ‘lar’, uma norma preexistente, subentendida com a qual a pessoa se identifica”, posto que, como vimos, ele só é estrangeiro porque não vive em Roma, não é um *civis*, não é urbano e talvez nem seja letrado. Para ser identificado, no entanto, deve ser apresentado segundo regras conhecidas dos romanos. Foi o caso do rinoceronte de Marco Polo ou do ornitorrinco para a sociedade de pesquisadores e naturalistas setecentistas. Mas, os lei-

tores devem se harmonizar com os padrões da **HN**, isto é, devem se tornar cidadãos romanos, dentro daquela política expansionista do Império.

Então, em vez de se tentar descobrir o que ou o quanto há de verdadeiro na **HN**, bem podemos tentar divisar os valores e preocupações culturais ali presentes, apresentados por contraste com os estrangeiros. Assim, o que sobressai é o maravilhoso, grotesco ou espetacular, tanto na relação de outros povos quanto no uso que se faz da Natureza, provocando-a até seus limites, deparando-se com as preocupações morais. Plínio aceita como verdadeiro aquilo que ele relata – exceto em trechos em que o autor se manifesta em contrário, como nos relatos sobre a magia, considerada como algo contrário à Natureza. Por outro lado, aquele mesmo fato verídico pode ser desmentido em outro ponto da obra, segundo as novas fontes consultadas ou se o fato se refere aos próprios romanos. A **HN**, portanto, não contém apenas uma voz, ela é construída a partir de recortes das diversas autoridades consultadas.

Vejamus outro exemplo do livro VII da **HN**, num *excursus* acerca de tribos na África imunes a picadas de cobras. Inicialmente é apresentada a autoridade que narra sobre uma espécie de homens de qualidades excepcionais: sua localização e denominação seguem o plano retórico, sendo apresentados, a seguir, os fatos admiráveis concernentes às tribos e sua comparação com outras tribos de mesma categoria:

*Similis et in Africa Psyllorum gens fuit, ut Agatharchides scribit, a Psyllo rege dicta, cuius sepulchrum in parte Syrtium maiorum est. horum corpori ingenitum fuit virus exitiale serpentibus et cuius odore sopirent eas, mos vero liberos genitos protinus obiciendi saevissimis earum eoque genere pudicitiam coniugum experiendi, non profugientibus adulterino sanguine natos serpentibus.*

*Como escreveu Agatarquides, do mesmo modo existiu na África a raça dos Psilos, assim chamada pelo rei Psilo, cujo túmulo se encontra na região da Sirtes maior. Em seus corpos era inato um veneno mortal para as serpentes, cujo cheiro fazia as cobras dormirem; ao mesmo tempo eles tinham o costume de expor suas crianças, logo após o nascimento, às mais selvagens das serpentes e usavam essa espécie para testar a fidelidade das esposas, visto que as cobras não fogem dos nascidos de sangue adúltero. (PL. H. N. VII, II, 13-14)*

Chama a atenção de Plínio não só a característica inerente aos psilos, mas a sua serventia e os costumes do povo. Mais tarde, no livro XXVIII, o autor retomará – num plano retórico cíclico – a narrativa sobre esse povo, agora contrastada com uma família romana possuidora das mesmas qualidades. Os *mirabilia* se estendem ao povo romano, tornando-se dignos de nota pelo inusitado da experiência vivenciada:

*Hominum monstrificas naturas et ueneficos aspectos diximus in portentis gentium et multas animalium proprietates, quae repeti superuacuum est. Quorundam hominum tota corpora prosunt, ut ex iis familiis quae sunt terrori serpentibus, tactu ipso leuant percussos suctuue modico, quorum e genere sunt Psylli Marsique et qui Ophiogenes uocantur in insula Cypro, ex qua familia legatos Euagon nomine, a consulibus Romae in dolium serpentium coniectus experimenti causa, circummulcentibus linguis miraculum praebuit. Signum eius familiae est, si modo adhuc durat, uernis temporibus odoris uirus. Atque eorum sudor quoque medebatur, non modo saliuu.*

*Descrevemos as naturezas monstruosas e as aparências mágicas dos homens e muitas propriedades dos animais nos presságios dos povos, coisas que são inúteis de se repetir. Os corpos inteiros de certos homens são úteis, como, por exemplo: nas famílias que causam terror às serpentes, e que com um simples toque ou com um leve chupão curam suas picadas – a este tipo pertencem os psilos, os marsos e os chamados ofiófagos da ilha de Chipre, a cuja família pertence um embaixador em Roma chamado Evagão que, atirado pelos cônsules como experiência em um vaso cheio de serpentes, exibiu o milagre de ser acariciado pelas línguas das serpentes. A marca dessa família, se de algum modo subsiste até o presente, é um amargor nos tempos primaveris. E o suor deles também curava, assim como sua saliva. (PL. H. N. XXVIII, VI, 30-31)*

As aparentes contradições da obra são fruto, possivelmente, de um conflito de diferentes discursos retóricos de tradição moralizante, que podem gerar dúvidas, sobretudo nos leitores modernos. Assim, é difícil precisar o quanto é fonte de observação ou experimentação direta de Plínio – pouco será – e o quanto seria originário de leituras, muitas vezes não de especialistas, mas já retransmissões em segunda ou terceira mão. Não obstante tais empecilhos, é

perceptível a “voz” própria do autor na carta prefácio à obra e no princípio de cada livro, bem como nas inúmeras digressões e reflexões presentes na **HN**. Murphy (2004, p. 10-11) assevera que há mais de um Plínio e, portanto, mais de uma perspectiva sobre a Natureza autorizada pelo texto.

A transgressão dos limites preestabelecidos por um grupo – no caso, os romanos da *Vrbs* – causa transtornos e desconfortos, levando à exigência de um retorno ao que possa ser considerado certo. Dentre essas transgressões se encontram os monstros e prodígios ou, para os latinos, *monstra* e *mirabilia*, de que vimos falando. Jeha (2009), ao ponderar sobre a classificação de Frankenstein, personagem homônimo da obra de Mary Shelley, reflete sobre a curiosidade que move o personagem em sua trajetória no livro. Curiosidade esta que, inata à condição humana segundo Aristóteles, será condenada por Agostinho, pois levaria ao distanciamento do homem de Deus. Para Jeha (2009, p. 19), “os monstros ajudam a manter a coesão social. Os grupos precisam manter seus membros unidos dentro de fronteiras e proteger-se contra os inimigos externos... O monstro é um artifício para rotular as infrações desses limites sociais”. Voltamos ao desconhecido, àquilo que está além das fronteiras, ao diferente. O monstro, então, nada mais é do que uma reação à falta de conhecimento. Jeha (2009, p. 20) ainda continua: “Monstros revelam o avesso da nossa concepção do real, apontando desencontros entre categorias. Eles funcionam como metáforas, indicando uma semelhança entre coisas dessemelhantes; em geral, juntando elementos de diferentes domínios cognitivos”.

Os *mirabilia*, no entanto, não se referem tão somente ao estrangeiro, na **HN**, mas à própria Roma e a seus cidadãos, tão ou mais surpreendente que os fatos narrados. Naas assinala que “*Rome is shown to be the center of a dominated world, where the centre absorbs and replaces the periphery*” (NAAS, 2011, p. 57). Quando os portentos são levados para o centro do Império, é este que passa a maravilhoso; a posse e o controle das maravilhas engrandecem Roma. O final da **HN** é um elogio à Itália por todos os seus produtos, incluindo aí os homens, e igualmente ao que foi adquirido através das conquistas, e a excelência do Império. O projeto pliniano termina, assim, com o olhar voltado para si mesmo, sua produção e seu contínuo processo de transformação, com o expansionismo territorial moldando a expansão dos conhecimentos.

## Documentação escrita

AULO GÉLIO. **Noites Áticas**. Trad. José R. Seabra Filho. Londrina: EDUEL, 2010.

CÊSAR. De bello gallico. In: NOVAK, Maria da Glória; NERI, Maria L.; PETERLINI, Ariovaldo A. (Orgs.). **Historiadores latinos**. Antologia bilíngue. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PLINE L'ANCIEN. **Histoire naturelle**: livre XXVIII. Texte établi, traduit et commenté par A. Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1962.

PLINY. **Natural History II**: Libri III-VII. By H. Rackham, M. A. Cambridge; Massachusetts: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd, 1961.

## Referências bibliográficas

BAEGON, Mary. **The Elder Pliny on the human animal**. Natural History: book 7. Oxford: Clarendon Press, 2005.

ECO, Umberto. **Kant e o ornitorrinco**. Trad. Ana Thereza B. Vieira. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 1997.

JEHA, Julio. Das origens do mal: a curiosidade em Frankenstein. In: JEHA, Julio; NASCIMENTO, Lyslei (Orgs.). **Da fabricação de monstros**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009, p. 11-23.

MURPHY, Trevor. **Pliny the Elder's Natural History**. The Empire in the Encyclopedia. Oxford: Oxford University Press, 2004.

NAAS, Valérie. Imperialism, *mirabilia*, and knowledge: some paradoxes in the *Naturalis Historia*. In: GIBSON, Roy K.; MORELLO, Ruth (Eds.). **Pliny the Elder**: themes and contents. Leiden; Boston: Brill, 2011, p. 57-70.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

## Notas

---

<sup>1</sup> Tradução de Maria da Glória Novak.

<sup>2</sup> Doravante a obra **História Natural** será citada simplesmente como **HN**.

<sup>3</sup> A saber, antropologia, cosmologia, geografia, botânica, zoologia, farmacologia, artes.

<sup>4</sup> A tradução de todos os trechos selecionados de Aulo Gélio é de autoria de José Seabra Filho.